

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Tribuna de Roraima

Class.:

704

Data:

06.05.88

Pg.:

E AGORA, JOSÉ?

A população Yanomami em Roraima, segundo os interesses de quem divulgava os dados, era estimada em 20.000 a 25.000 índios. Providencialmente, inobstante a grande postergação para tal, a FUNAI, integrando comissão interministerial, contou e encontrou o número de 7.319 componentes de tal, etnia, "de mamando a caducando", como diriam os vaqueiros de nossa interlândia. Já temos, pois, algo bem delineado, que poderá subsidiar efetivamente os estudos inerentes à demarcação das áreas necessárias ao desenvolvimento sócio-cultural dessa gente, nossos semelhantes, que é pretendido por todos.

Parece que os *l* *s* do Projeto Calha Norte começam a descobrir coisas que encontravam-se sob o manto da desinformação, beneficiando pessoas que não os índios ou os roraimenses. Esperta-se agora, de imediato, o continuar do ressenciamento geral de nosso silvícolas, pondo por fim a aura de mistério que ainda persiste a envolver a questão. De quebra, para por terra a exclusividade em "dados estatísticos" que certas entidades demonstram deter, inclusive ao arrepio da lei brasileira.

Dispondo de dados atualizados e principalmente confiáveis, finalmente as autoridades do setor poderão traçar uma política consciente e realista para o desenvolvimento geral de Roraima: O indígena, necessita e deverá ter mais terra adequadamente demarcada; o produtor rural, igualmente carece de definição clara a respeito de suas propriedades, para que possa nelas investir, o garimpeiro, que descobre nossa riquezas minerais, tem direito também de explorar seus filões.

Sem excesso de otimismo, tenho esperança de um

dia ver o índio do interior de suas reservas, partindo para a opção de vida mais lhe interessar, conscientemente. Se quiser, poderá explorar as áreas, produzir, desenvolver na comunidade, mantendo suas tradições, sem ninguém impor-lhe costumes ou religiões desconhecidas. Caso prefira, poderá exercer o direito à cidadania plena, com acesso a tudo que nós outros temos. Como inteligente, e disto temos provas já tornadas públicas, saberá escolher o que melhor lhe aprouver, no momento que julgar oportuno.

O urfêcula, agricultor ou pecuarista, desvinculando-se do fantasma das "áreas pretendidas", tendo sua gleba demarcada, poderá então dedicar-se plenamente à produção de alimentos para as populações citadinas. Com uma boa oferta de gêneros regionais, será possível encontrar preços melhores, artigos frescos e sem aditivos artificiais ou conservantes nocivos. Alguém parte com isto?

No momento em que nosso garimpeiros obtiveram definições objetivas a respeito de áreas para exploração, liberadas e organizadas; a cidade voltará a respirar aliviada, sem o drama da incerteza; o governo, em especial o fisco, também sentirá os reflexos benéficos, pois, com a implantação de estrutura mínima nos garimpos, terá condições propícias a um melhor controle da produção e arrecadação tributária; a economia local poderá finalmente e com maior segurança, investir mais no ramo, direta e indiretamente, gerando benefícios também para a mão-de-obra urbana. Podemos progredir sem peias absurdas.

O que falta? Quando chegamos a isto?